Estado de Mato Grosso
Secretaria de Educação de Estado
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Ex 1
C 32573231

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

A importância do conto de fadas para a Literatura Infantil

Fernanda Menezes Cunha Silva

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº 6039
Data 25/09/00

37:087.5
S586i

Pontes e Lacerda
2000

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Educação de Estado
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda

A importância do conto de fadas para a Literatura Infantil

Ensaio Monográfico apresentado como trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras no Campus Universitário de Pontes e Lacerda

Pontes e Lacerda
2000

"A criança naturalmente levada a desconfiar dos livros que lhe vêm tolher o melhor dos bens: a liberdade. Tudo que, na infância; impede o movimento é feito contra a natureza e suportado a contragosto. É mister, portanto, compensar essa inevitável supressão, o que só é possível pela imaginação. Esta recompõe, com o repouso do corpo, o mais agitado dos mundos."

Alceu Amoroso Lima

Dedico a minha filha, pois soube me entender e me apoiar, mesmo as vezes não entendendo meu nervosismo, por ter apenas 7 anos.

Agradeço a minha orientadora, pois soube me ajudar nos momentos em que eu precisei, a minha família, que me deu força para o encerramento do curso, e em especial a Deus, pois sem ele não teria conseguido.

Sumário

Apresentação----------6

Interação: uma determinante para o social----------16

Sujeito: uma constituição histórica-social----------25

Chapeuzinho Vermelho 1 (em anexo)----------25

Chapeuzinho Vermelho II (em anexo)----------31

Chapeuzinho Amarelo (anexo)----------35

Realidade ou fantasia----------41

Considerações Finais----------46

Bibliografia----------47

Anexos----------49

Apresentação

"Literatura é a arte de ouvir e de dizer, logo, nasce com o homem. Suas origens se assimilam com o uso da palavra: filogeneticamente, o homem aprendeu a falar, dizer, antes de escrever, como, ontogeneticamente acontece à criança. E essa capacidade de ouvir e dizer deve ser o ponto de partida da aprendizagem. Pois a fantasia na criança possui certa atividade interior reprodutiva que a capacita a combinar imagens e refundi-las..." (47 Carvalho).

Portanto a literatura infantil começa a ser traçada no início do século XVIII, quando a criança se diferencia do adulto, com necessidades exclusivas e se compreende que ela necessita de uma educação diferenciada, com base nos seus anseios, considerando que a mesma, por não ter essa diferenciação na sua educação e por conviver com os mais velhos, acabava por participar não só da sua vida social, como também da sua literatura, a qual podemos dizer que se divide em duas, ou melhor, dois tipos de criança, a criança de origem nobre que lia somente os grandes clássicos, enquanto que a criança menos privilegiada, só

tinha acesso as histórias de cavalaria e aventuras, mas não deixamos de frisar que lendas e contos folclóricos que formavam a literatura de cordel eram muito lidos pelas classes populares.

O século XVIII também serviu para dar um novo rumo a literatura infantil com o iluminismo científico, desprezando tudo que era dito irracional, desprezou a fantasia das estórias de fadas e seus encantos, consequentemente a razão se contrapõe a fantasia e os contos passam a ser estudados a luz da razão.

"A literatura infantil, a exemplo das preocupações didáticas de toda Europa, dominado pela idéia do iluminismo, procura iluminar pelos conhecimentos as escolas e os jovens..." (184, Carvalho).

Regina Zilberman dentro da obra de Maria Antonieta Antunes Cunha, faz um comentário bastante interessante sobre o surgimento da literatura infantil relacionado com a ascensão a burguesia.

> *"Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar,*

mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão." (67 p. 15).

Com isso nota-se que a ligação entre a literatura infantil, com a educação era clara, pois vários educadores se empenhavam muito para se fazer uma literatura para crianças e adolescentes. E através deste vasto caminho percorrido pelos educadores para se achar a literatura adequada observou-se que haviam duas com a inclinação desejada por eles, uma era a dos clássicos com muitas adaptações e a outra a do folclore, e ambas estão relacionadas com os contos de fadas.

"O importante da Literatura Infantil, é interessá-la a criança sob todos os aspectos, mental ou intelectual, emocional, psicológico, social ou ambiental, cronológico, etc... Por esta razão dar qualquer leitura a uma criança, sem conhecê-la, poderá tornar-se inócua ou mesmo prejudicial." (Carvalho, p. 49).

Lígia Cadermatori entende que a literatura infantil no decorrer dos anos teve muitos contos consagrados pelo público mirim, e por terem vencidos tantos textos de recepção, os mesmos fornecem ao público informações necessárias sobre a constituição da tônica literária de textos destinados à criança.

Pode se dizer que com isso a literatura infantil, ou melhor, alguns contos foram várias vezes adaptados, mas nem por isso, deixaram de ter seu valor ou de serem adquiridos pelo público infantil.

Em seguida, no final do século XIX surge a literatura infantil brasileira, quando a preocupação educacional se tornou uma realidade, até então, a teoria era meio de aprendizagem. O grande gênio que inaugurou a literatura infantil brasileira foi Monteiro Lobato com sua obra muito conhecida por todos "O Sítio do Pica-Pau Amarelo", onde no qual ele relata um ambiente rural, se dimensiona a partir de sua interação com o grupo social ou, mais explicitamente sua atuação como agente formador e modificador da percepção do público. Mas com isso a literatura infantil brasileira, passou muito tempo sob a sombra de Lobato.

Por conseguinte desenvolve-se juntamente dois tipos de cultura no Brasil, uma européia elitista, livresca, outra nativa, popular agráfica. Nesse caso educar passou a significar a restrição e o deslocamento do nacional, para assim impor a cultura estrangeira.

A literatura apresenta uma dualidade entre o intelectual estrangeiro e a cultura popular, no entanto Lobato resolve esse problema, juntando o que é nosso com as necessárias contribuições da cultura estrangeira.

"Volta-se para o Brasil sem a situação paradoxal de brasileiro que descobre o exótico dentro do seu próprio país. Em lugar da postura entusiasmada frente dos traços de brasilidade, o que caracterizou a obra de tantos nacionalistas." (Cademartori, p. 46).

Por ser um grande revolucionário Lobato ganha maior compreensão na literatura infantil, pois rompe com os padrões estabelecidos pelo gênero, e seus livros criam uma antecipação que supera todos os conceitos e preconceitos da situação histórica que estava vivendo.

Hoje no Brasil o acervo de livros infantis, são grandes produções, com ótima qualidade, para todas as cidades, a partir de livros sem textos, que recorrem a linguagem visual, entre muitos outros.

Então poderíamos dizer que a literatura infantil nasceu e cresceu muito. E assim como a criança ela passa por etapas de evolução, do realismo animista, imaginação e sentimento, à qualificação em que a criança se corresponde à fase heróica da humanidade, com o desabrochar da adolescência.

A literatura infantil, podemos assim dizer é iniciada por um grande escritos, Charles Perrault, que em seguida teve a companhia dos irmãos Grimm, os mesmos estão ligados a essa gênese literária, pois tiveram seus contos modificados por infinitas vezes, a tal ponto, que os mesmos se apresentam hoje muito modificados.

Mas foi no século XVIII que o Frances Charles Perrault modificou muitos contos, como, Cinderela e Chapeuzinho Vermelho e através destas adaptações eles começaram a fazer parte dos chamados contos de fadas. Em seguida no século XIX os irmãos Grimm faz outra coleta de contos para adaptá-los e assim aumentarem a antologia dos contos de fadas.

> *"Na realidade, Perrault não criou as suas belas estórias infantis, que encantaram as crianças, antes mesmos de que saibam ler. O seu trabalho foi conhecê-las e adaptá-las, porém adaptou-as, dando-lhes novo colorido, tornando-as mais vivas e maravilhosas, superando as fontes originais e devolvendo-as ao mundo inteiro, genialmente difundido-as e tornando-as conhecidas nos quatro extremo da terra..."* (167 Carvalho)

O autor Perrault preocupava-se muito com o didático e a relação com o popular, seus textos se constituem nos mais importantes da literatura francesa e também um dos mais referidos e menos comentados pela crítica literária.

Perrault ao escrever seus contos, ou fazer adaptações, sempre parte de um tema popular, trabalhando sobre ele e acrescentando coisas que agradarão a classe, a qual ele esta escrevendo, que nesse caso era a burguesia. Além de trabalhar temos moralizantes que nada tem a ver com a classe popular, mas sim com os interesses burgueses e isso fica claro em alguns de seus contos com traços que nada dizem respeito ao povo, entretanto muito se vê a respeito da vida no corte e a modo feminina. Com isso nota-se a separação entre a literatura oral e a culta, daí se dá o aumento da cultura gráfica e por isso passa a manter relações de integração com o popular.

> *"A maior novidade de Perrault é ter introduzido em sua obra toda a classe humilde misturada com a nobreza, leva aos salões e a intimidade dos nobres e dos reis costureiros, lenhadores, serventes, camponeses, cozinheiros, lacaios, e muitas vezes fá-los superiores pela inteligência. Foi talvez, esse profundo traço popular que o celebrizou, dando a sua obra o sentido humano que a torna imortal."* (169, Carvalho).

Com tantas adaptações feitas por Perrault, acaba-se por igualar a ingenuidade, popular com o infantil, pois a classe a qual o autor pertencia não tinha consciência do que era realmente popular, por esse motivo ele tentou recuperar a cultura popular reconstituindo os procedimentos narrativos da maneira mais fiel possível.

> *"Talvez nesse momento tenha sido inaugurado a confusão que fortaleceu os laços entre a literatura popular e a infantil e que tem por base a aproximação de duas ignorâncias, a do povo devido sua condição social e a da infância devido a idade. Essa aproximação terá uma solução de continuidade, podendo ser encontrada na origem da coleta dos Grimm, permanecendo algumas seqüelas até nossos dias."* (Cademartori, 39)

Abordaremos nesta pesquisa, os contos de fadas, dentro destes fizemos um recorte e trabalhamos somente com a obra "Chapeuzinho Vermelho" e desta obra analisamos a personagem Chapeuzinho Vermelho. Para enfocar um pouco mais sobre o meu recorte estarei descorrendo especificamente, agora sobre contos de fadas ou narrativas maravilhosas.

Dentro do imenso acervo narrativo, que podemos dizer de literatura folclórica ou literatura infantil, duas formas destacam-se pela grande identificação feita entre uma e outra. Trata-se dos contos de fadas ou maravilhosos. Surgindo de lugares bem distintos, e dando expressão a problemática bem diferentes, mas por permanecerem ligadas ao chamado mundo

maravilhoso, acabam identificando-se como formas iguais. E como todos sabem essas duas formas vem sendo usada por muitos autores para rotular as muitas narrativas que fazem parte da literatura infantil clássica.

Os contos de fadas são de origem celta e surgiram como poemas que revelavam amores estranhos, fatais e eternos. Enquanto que os contos maravilhosos, originaram-se das narrativas orientais, e enfatizam a parte material, sensorial e ética do ser humano. Os dois sendo idealistas se preocupam com os valores eternos do ser humano.

> *"Enfim, os contos de fadas e os contos maravilhosos expressam atitudes humanos, bem diferentes diante da vida. Optar por uma ou outra é questão do quê? Destino? Personalidade? Circunstância da vida? Dê meio social? Influências culturais? Quem o pode responder com exatidão? A verdade é que através do milênios as duas atitudes vêm tende expressão na literatura, porque vêm sendo divididas na vida."* (Nelly, 14).

O conto infantil, podemos dizer, tem suas raízes ligadas ao mito e lenda que se identificam ao folclore, consequentemente se essa união que causa a complexidade dentro da expressão literária, pois recriada pela problemática moderna, ele conserva suas fontes tradicionais e míticas.

"Os contos de fadas, particularmente os de Perrault e Grimm, têm levantados múltiplos aspectos interpretativos... Com base nas vinculações histórias ou folclóricas, buscando as fontes e origens em diferentes teorias; com vinculações na psicanálise, e com vinculações éticas, que refletem a sociedade, complexo ambiental..."

(Carvalho, p. 54).

Os contos de fadas universalmente se dividem em o inconsciente ou a lembrança adormecida da infância, ou melhor, sobrevivência da mentalidade infantil humana. E suas origens pertencem a maravilhosa família folclórica e pela conexão que há entre os mitos e lendas com os contos clássicos de fadas, constituem em um rico material de estudo e pesquisa. Por conseguinte varia muito a interpretação dentro dos contos de fadas.

Uma das interpretação de Chapeuzinho Vermelho esta no livro de Carvalho onde ele coloca que:

"O Chapeuzinho Vermelho é a tese da proibição às jovens, que não deve expor-se a estranhos ou com estes conservar, muito menos confiar neles. Há uma interpretação que vê no Chapeuzinho Vermelho o simbolismo da Aurora encoberta (no caso devorada)

> *pelo inverno (que representa o lobo), o renascimento da menina (do ventre do lobo), pelos caçadores, representa o ciclo das estações. Perrault, entretanto não apresenta em sua versão original o renascimento da menina, para patentear o castigo à falta cometida."* (Carvalho, p. 56).

Observamos então que "o maravilhoso" com sua visão mágica deixou de ser somente das crianças para abrir espaço aos adultos. Verificamos isso em A Bela Adormecida, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho e em muitas outras narrativas, pois estas tem muito a nos dizer, porque o que pode parecer apenas infantil ou absurdo pode trazer uma grande herança de sentidos essenciais para nossa vida.

Com base nesses estudos sobre Literatura Infantil e conto de fadas, fizemos uma análise da obra "Chapeuzinho Vermelho" em 2 versões e uma paródia feita pelo autor Chico Buarque, "Chapeuzinho Amarelo". Dentro dessas obras recortamos a personagem Chapeuzinho Vermelho, observamos como a menina é constituída dentro do momento histórico da época.

Foi observado também, como a família é formada e qual o seu papel na sociedade da época e até mesmo o que significa a figura do lobo mal, nas três versões, foi relevante o espaço geográfico, sendo duas versões muito parecidas por pertencerem a um mesmo momento histórico, e a outra bem diferente, até porque, é um conto dos dias atuais.

Para comprovar toda a análise buscamos teorias que pudessem comprovar, os fatos que foram elencados das respectivas épocas, que se passaram a história.

Interação: uma determinante para o social

A sociedade é sempre o resultado da convivência humana, dos contatos prolongados entre os indivíduos, através dos tempos e de geração em geração. E assim o fato de os homens viverem em comum, de forma organizada, constitui a sociedade. Com isso podemos dizer que a interação social trata-se de uma questão fundamental para que se possa conhecer o ser humano, e ao mesmo tempo problemática, por ter sido entendida de forma diferente ou até contraditória.

Para a psicologia a maneira mais fácil de se entender essa relação depende dos pressupostos básicos, que norteiam todas as teorias psicológicas.

Desde muito tempo a psicologia esteve sob influência de várias ciências, das quais se dava certas uniões diferentes, que nem sempre expressavam um propósito interdiciplinar, com isso pode-se afirmar que essas teorias incorporam uma visão naturalista e positivista do homem e do seu meio. Angel Pino coloca que o

> *"modelo biológico naturalista, conduziu à uma concepção do homem em termos de simples organismo, deixando de lado sua especificidade humana. Embora admitindo que é mais complexo que os outros organismos, o homem é equiparado da evolução: a*

hereditariedade e a adaptação ao meio. Em relação a sociedade esse modelo levou a concebê-lo como uma organização semelhante a de um organismo ignorando sua natureza histórica e cultural..." (P. 50)

Com isso a concepção sobre as diferentes teorias que se tem do homem e do seu meio afetam muito a maneira que eles entendem sobre o que seja interação social, na visão naturalista os princípios que regem a interação entre os indivíduos animais ou humanos são essencialmente os mesmos, a diferença fica por conta da diferença dos equipamentos biológicos, portanto as condutas sociais, tanto de um como de outros são vistas como iguais.

"Se por interação se entende a maneira como dois sistemas, ou mais, interfere um no funcionamento do outro, não se vai além do modelo físico ou biológico. Pois é evidente que o homem não se define como um sistema orgânico, apesar de ter no organismo e suporte da sua atividade, mas sim como sujeito constituído pela linguagem." (Pino, 50).

A diferença fundamental entre a concepção social histórica e a de outras correntes e a de que o ser humano se situa não na ordem biológica e das leis naturais, mas sim na simbologia e nas leis histórico-culturais.

De acordo com essa ordem biológica entendemos que o que diferencia o animal do homem é que o animal não cria seu próprio instrumento de trabalho, e o homem cria, pois ele transforma o meio em que vive e consequentemente é transformado junto com ele. E isso tudo sói acontece por que o homem faz uso da linguagem e através dela é capaz de se interagir ou se comunicar com o meio em que vive.

Para Pino todas as funções psíquicas são de natureza e ordem sociais, cada função no desenvolvimento cultural da criança, aparece primeiro no plano social e depois no psicológico. De acordo com esse pressuposto a concepção naturalista é totalmente invertida, pois essa concepção coloca no próprio indivíduo a origem das funções psíquicas, fato contrário a experiência histórica. Essa pressuposição significa que de um lado o meio sócio cultural é a condição necessária para a constituição do psiquismo humano, e de outro, essa constituição, não é de ordem biológica, mas sim de ordem cultural.

> *"As relações dos homens entre si e deles com o mundo (natural e cultural), são mediados por instrumentos técnicos e por sistema de signos. A invenção de uns e de outros, além de mostrar a possibilidade de uma relação direta do homem com o mundo e com os outros homens, revela que o que caracteriza o salto evolutivo da espécie humana é de*

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

ter desenvolvido a capacidade de unir os meios ou instrumentos da sua atividade, coisa insólita na história da evolução das espécies." (Angel, p. 53)

Para o indivíduo estar inserido ou interagido ao meio em que vive, vai depender não só dele, mas de todos os estímulos possíveis, como família, sociedade e principalmente a linguagem, que é de fundamental importância para que haja esse interação.

Portanto a mediação dos instrumentos técnicos é tão importante na produção material e científica e é a mediação dos sistemas de signos através da comunicação, que permite o progresso tecnológico principalmente pela linguagem falada e escrita, com isso se da a produção e a apropriação da cultura.

E essa cultura se encontra muito presente na família, porque é através dela que a criança adquire toda a base familiar para assim se tornar um adulto consciente. Consequentemente podemos dizer que a família é a primeira instituição que um ser humano entra em contato na sua vida. E de uma forma ou de outra ela o acompanha até sua morte, presente em sua vida de forma direta ou indiretamente.

A sociedade não só influência como também é responsável pela estrutura familiar, de como a família está formada seus valores conceitos e éticas.

Esta constituição chamada família também é de grande importância para o homem, pois ela é a base de tudo que ele pretende fazer ou ser na sua vida. No decorrer dos tempos a família vem sofrendo importantes mudanças em suas atividades à criança, por que a mesma transformou-se profundamente a partir do momento em que mudou suas relações internas, ou melhor, seus sentimentos com as crianças.

Uma característica forte da família inglesa é a falta de afeição que se manifesta com relação as suas crianças. Seus pais após elas terem completado 10 anos as colocavam em casas de pessoas estranhas para assim fazerem serviços pesados, e as crianças permaneciam no local por um período de 7 a 9 anos. Esse gênero de vida foi muito comum ao acidente medieval.

Com isso o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação. A criança aprendia com a prática e essa prática não parava nos limites de uma profissão, ainda mais por que na época não havia limites entre a profissão e a vida particular, pois era através do serviço doméstico que o mestre transmitia para a criança toda bagagem de conhecimentos.

"Assim, toda a educação se fazia através da aprendizagem dava-se a essa noção um sentido muito mais amplo do que o que ela adquiriu mais tarde..." (Philippe)

A partir do século XV as realidades e os sentimentos das famílias se transformaram uma revolução profunda e lenta, difícil de se reconhecer o que estava acontecendo. No entanto o fato essencial e evidente era a extensão da freqüência escolar.

Dessa época em diante a educação passou a ser então fornecida muito mais pela escola do que pelos mestres que cuidavam das crianças filhas de outras famílias que as deixavam em seus cuidados.

Essa evolução corresponde a uma nova necessidade maior de moral por parte dos educadores e com isso uma preocupação de estar isolando a juventude do mundo muitas vezes sujos dos adultos, para mantê-las na inocência primitiva, com o intuito de orientá-las para melhor resistirem as tentações dos adultos.

"Assistimos ao nascimento e ao desenvolvimento desse sentimento da

família desde o século XV até o século XVIII. Vemos como até o século XVIII, ele (o sentimento), não havia destruído antiga sociabilidade, ou melhor, a forma com que a sociedade se relaciona uns com os outros, seus conceitos e valores éticos, é verdade que ele se limitava as classes abstratas, a dos homens ricos e importantes do campo ou da cidade, da aristocracia ou da burguesia, artesão ou comerciante. A partir do século XVIII, ele estendeu-se a todas as camadas e impôs-se tiranicamente as consciências..."

(Philippe, 273)

Mas essa família estendeu-se à medida que a sociabilidade se retraiu. É como se a família moderna tivesse substituído as antigas relações sociais, que desapareceram para permitir ao homem escapar a uma triste solidão moral. Com isso a partir do século XVIII as pessoas começaram a se defender contra uma sociedade cujo convívio constante, até então havia sido a fonte da educação da reputação e da fortuna.

No início da idade média nos tempos modernos e por muito ainda as crianças mostravam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda de seus pais ou das suas amas, e isso acontecia geralmente após os sete anos de idade.

"O sentimento da família, o sentimento de classes e talvez em outra área, o sentimento de raça surgem portanto como as manifestações da mesma intolerância diante da diversidade de uma mesma preocupação de uniformidade." (Philippe, 279).

Com isso a sociedade se dividiu em duas, a antiga e a nova. A antiga se concentrava em um grupo grande de pessoas para um pequeno espaço. Já a nova assegurava a cada cidadão um espaço reservado, e com suas características respeitadas, pois cada família deveria seguir o modelo convencional e assim ser, caso contrário seria excomungadas pela sociedade. Com isso podemos dizer que em toda sociedade está presente a ideologia, pois como iremos observar a seguir a ideologia não é entendida como sinônimo de subjetividade oposta a objetividade que não preconceito nem uma pré-noção, mas sim um fato social, justamente porque é produzido através das relações sociais, com isso possui muitas razões sérias para existirem e se conversarem não como um monte de idéias falsas de estão ai somente para prejudicar, mas uma forma da sociedade expressar suas idéias ou melhor, formas históricas determinadas através das relações sociais.

Em uma forma mais ampla podemos dizer que ideologia é um conjunto de idéias, concepções ou opiniões sobre algum ponto sujeito a discussão.

Quando perguntamos qual é a ideologia de um determinado pensador da sociedade, podemos estar referindo a sua doutrina, do conjunto de suas idéias e ao seu posicionamento interpretativo diante, de determinados fatos.

Para Aranha e Martins a ideologia é um conjunto lógico de idéias de valores e de normas ou regras de conduta, que indicam ou prescrevem aos membros da sociedade o que eles devem pensar, valorizar sentir e fazer e como devem agir em relação a todas essas regras.

Ela é portanto, um corpo explicativo e prática de caráter prescritivo, normativo e regulador, cuja função é fornecer aos indivíduos de uma sociedade, dividida em classe, uma

explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças a essa divisão que há na sociedade e sim a sua espera de produção.

A ideologia tem como função assegurar uma determinada relação dos homens entre si e com suas condições de existência adaptando os indivíduos as tarefas exigidas ou ditadas pela sociedade. Portanto a ideologia assegura a coesão dos homens e a aceitação sem crítica das tarefas mais penosas e pouco recompensadoras em nome da vontade de "Deus" ou do "dever moral" ou simplesmente como decorrente da "ordem natural das coisas".

Essa universalidade das idéias e dos valores é abstrata, porque na realidade o que há de concreto são as classes particulares com interesses divergentes e a ideologia de uma "sociedade harmoniosa e una" oculta a divisão de classe.

> *"A ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade, e essa representação é sempre necessariamente invertida. O que ocorre, é que as diferentes classe sociais representam para si mesmas o seu modo de existência, tal como é vivido diretamente por elas... No entanto, as idéias dominantes em uma sociedade numa época determinada, não são todas as idéias existentes, mas serão apenas as idéias da classe*

dominante dessa sociedade nessa época..." (Chaui, 92)

UNEMAT
Câmpus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Sujeito: uma constituição histórica-social

A partir daqui analisamos as obras de forma individual para depois traçarmos algumas comparações.

Chapeuzinho Vermelho 1 (em anexo)

Podemos dizer que tal figura aparece representada consecutivamente pela personagem chave ou protagonista Chapeuzinho Vermelho, sua mãe e a avó. Considerando este fato observamos que aparece uma família constituída apenas por mulheres, pois em nenhum momento fala-se do pai ou avô. A partir dessa constituição percebe-se a suposta fragilidade existente nessa família, uma vez que essa é composta somente por mulheres, exemplo totalmente fora dos padrões sociais vigentes no século XVIII e XIX. A sociedade dessa época jamais aceitaria oficialmente uma família formada apenas por mulheres sem o "homem da casa".

"Era uma vez uma menina que vivia numa aldeia e era a coisa mais linda que se podia imaginar. Sua mão era louca por ela e a avó mais louca ainda..."

Para Nelly Novaes Coelho, os contos de fada e os contos maravilhosos expressam atitudes humanas bem diferentes diante da vida, e podemos dizer que o conto de fadas tem suas raízes ligadas a mitos e lendas que se identificam com o folclore, consequentemente é essa união que causa a complexidade dentro da expressão literária. E com isso esta presente no conta Chapeuzinho Vermelho em relação à fragilidade de menina e a força do lobo, uma vez que Chapeuzinho representa a criança enquanto ser socialmente visto como frágil e feroz, que utiliza a máscara da bondade apenas para enganar a menina.

"Ao atravessar a floresta ela encontrou o Sr. Lobo, que ficou louco de vontade de comê-la, não ousou fazer isso, por causa da presença de alguns lenhadores..."

Por ser um conto de fadas a presença da moralidade é inquestionável pois o "lobo" passando-se por alguém bondoso e solícito propõe-se a ajudar a menina que transgredindo as recomendações maternas é seduzida pelas propostas estabelecidas. Embora fosse pertencente a um núcleo familiar que não condizia com os padrões sociais impostos na época, Chapeuzinho Vermelho recebera em casa uma educação baseada nos moldes vigentes. Mesmo estando a menina e sua mãe alheias ao convívio social, a relações estabelecidas pelas duas com o meio, fornecem amostra de que realmente eram perpassadas pela interação social.

Para Angel Pino a interação social é a condição permanente de existência do sujeito, a qual se concretiza numa constante relação com os outros.

"A menina que ignorava ser perigoso conversar com o lobo...

"Respondei vai a casa da vovó"

"Ela mora muito longe quis saber o lobo.."

"Muito bem disse o lobo eu também vou visitá-la..."

Por outro lado percebemos que através da figura do lobo há formações ideológicas presentes no conto, que assegura ao homem a força e o poder em detrimento das mulheres que aparecem como representantes do "sexo frágil".

Certamente a ideologia tem como função garantir uma determinada relação dos homens entre si e com suas condições de existência, adaptando os indivíduos as tarefas exigidas ou ditadas pela sociedade.

De acordo com Marilene Chaui (p. 92) a ideologia resultado da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade, e vimos que essa representação é sempre necessariamente invertida.

Entendemos também que o principal aspecto da ideologia é a deturpação que ela faz da realidade e com isso certamente pode haver a deturpação premeditada que pode chegar à mentira, à impostura, à falsidade, mas de um modo geral fazemos a ideologia necessária e inconscientemente.

Partindo para a questão da família como base social para a formação de indivíduos aptos a "interagirem" com o meio, temos uma citação de Philippe Aris que vem de encontro com a problemática colocada no conto Chapeuzinho Vermelho.

O sentido de família, o sentido de classes e talvez em outra área o sentimento de raça surgem portanto como as manifestações da mesma intolerância diante da diversidade de uma mesma preocupação de uniformidade.

"Sua mãe era louca por ela..."
e a avó mais ainda...
Um dia sua mãe tendo feito
alguns bolos, disse-lhe: Vá ver
como está passando a sua avó..."

Após o advento da Revolução Francesa, a sociedade se dividiu em duas, a antiga e a nova. A Antiga se concentrava em um grupo grande de pessoa para um pequeno espaço. Já a nova assegurava a cada cidadão um espaço reservado e com suas características respeitadas, pois cada família deveria seguir o modelo convencional e assim ser, caso contrário seriam excomungadas pela sociedade. É o que acontece no conto Chapeuzinho Vermelho 1, o lugar onde elas moram é uma aldeia e não uma cidade. De certo modo a excomunhão de que falamos abate-se sobre a família de Chapeuzinho Vermelho, que busca a zona rural a fim de subsistir com mais tranqüilidade, longe dos limites urbanos esse modelo de família não viria representar ameaça aos padrões, uma vez que esses eram baseados numa forma patriarcal de organização.

Na visão de Angel Pino para o indivíduo estar inserido em seu meio depende não, só dele, mas de todos seus estímulos possíveis, como família, sociedade e a linguagem. É o que verificamos no conto porque Chapeuzinho Vermelho e a sua mãe interagiam com o meio social, embora fossem excluídas por compor um núcleo familiar que divergiam do que era exigido.

Essa interação pode ser percebida nos moldes em que a mão educou Chapeuzinho Vermelho, a moral e os bons costumes deveriam surgir como preceitos máximos a serem seguidos.

> *"Sua mão era louca por ela, sua avó mais ainda... e a pobre menina que ignorava ser perigosos parar para conversar com o lobo..."*

Os contos de fadas têm levantado múltiplos aspectos interpretativos com base nas vinculações históricas ou folclóricas, buscando as fontes e origens em diferentes teorias, com

vinculações na psicanálise e com vinculações éticas, que refletem a sociedade, o complexo ambiental.

> *"... A menina seguiu pelo caminho mais longo, distraindo-se a colher avelãs, a correr atrás das borboletas e a fazer um buquê com as florzinhas que ia encontrando..."*
>
> *"Ao atravessar a floresta ela encontrou o Sr. Lobo..."*

Através dessa passagem observamos que o caminho a ser percorrido por Chapeuzinho Vermelho até a casa da avó era muito longo e perigoso, tendo em vista que atravessava a floresta. Isso demonstra um recurso muito utilizado nos contos de fada: a metáfora. Essa figura de linguagem era usada como forma de dissimilar sentidos outros que poderiam não ser aceitos pela sociedade. Outro fator que notamos neste trecho é a presença do lobo, que espreita, e também de muitos lenhadores. Estes aparecem como trabalhadores que ganham a vida laboriosamente, já aquele, diferentemente é vitimado por uma espécie de disfunção, não trabalha honestamente, mas sobrevive daquilo que "caça" utilizando-se de um instinto feroz e primitivo.

"... não ousou fazer isso por causa da presença de alguns lenhadores na floresta..."

Segundo Mario Ribeiro Martins "*A sociedade é sempre resultado da convivência humana dos contatos prolongados entre os indivíduos, através dos tempos.*" (p. 115).

No conto, vemos por meio da Jornada de Chapeuzinho Vermelho até a casa da avó o aparecimento de uma simbologia que implica em utilizar metáforas intimamente construídas a

partir do social. Chapeuzinho Vermelho caminhava por uma estrada pouco trafegada, mais muito bela, no plano familiar constata-se que a mãe da menina era sozinha (não há evidência que comprovem o seu estado civil) e prezava sobre tudo pela boa educação da filha. Em suma Chapeuzinho Vermelho fora encaminhada pela mãe ausente do convívio social, à mais bela forma de educação moral, pelo menos aquela tida como correta e socialmente aceita.

"A menina seguia pelo caminho mais longo."

"... uma menina que vivia na aldeia... sua mãe... sua avó..."

Com isso podemos dizer que no conto de fadas a personagem Chapeuzinho Vermelho não deveria ter dado ouvidos à conversa do Lobo, ou seja, de acordo com a interpretação feita por Bruno B. da obra de Charles Perrault, aparece nesse acontecimento uma nítida ameaça de defloramente juvenil, fato inaceitável para a sociedade burguesa que se estabelecia nessa época. Pois o autor Bruno também coloca que Perrault ao escrever seus contos, ou fazer adaptações, sempre parte de um tema popular trabalhando sobre ele e acrescentando coisas que agradarão, além de trabalhar temas moralizantes que nada tem a ver com a classe popular, mas sim com os interesses burgueses. Na visão deste autor o conto citado perde muito de seu atrativo por que fica óbvio que o lobo não é um animal ávido, mas uma metáfora que deixa pouca a imaginação do leitor. Ele também explicita tudo ao máximo, por exemplo, quando a menina se despe e deita na cama com o lobo e este diz, que os braços fortes são para lhe abraçar melhor, não sobra nada para a imaginação. Como observamos na história a menina não tenta de forma nenhuma escapar ou questionar, com isso o que podemos deduzir é que ela ou é muito inocente ao ponto de pensar que não iria lhe acontecer nada, ou queria realmente ser seduzida com essas hipóteses a menina se transforma de atraente e ingênua em uma mulher sem valores morais. Com isso podemos dizer que o tema central da história e a ameaça de menina Chapeuzinho Vermelho ser devorada pelo lobo.

"A pobre menina que ignorava ser perigoso parar para conversar com um lobo... ao ouvir a voz grossa do lobo ficou com medo à princípio... Ponha o lobo e o potezinho de manteiga sobre a arca e venha deitar aqui comigo... Chapeuzinho Vermelho despiu-se e se meteu na cama... Vovó como são grandes seus braços... o malvado lobo atirou-se sobre Chapeuzinho Vermelho e o comeu."

Chapeuzinho Vermelho II (anexo)

A segunda história a ser analisada é "Chapeuzinho Vermelho" escrito pelos Irmãos Grimm. Nessa versão temos a apresentação de um cenário cujo pano de fundo é um bosque; onde mora Chapeuzinho Vermelho com sua mãe e sua avó.

Nessa obra, a figura feminina aparece com uma certa expressividade, principalmente, no que se refere ao papel representado pela mãe. A partir da narrativa constata-se que Chapeuzinho Vermelho morava somente com a mãe, uma vez que em momento algum ocorre alusão ao pai, enquanto figura protetora.

"Era uma vez uma meiga e doce

menina que morava numa linda

casinha perto do bosque..."

Levando em consideração a hipótese de que Chapeuzinho Vermelho e sua mãe viviam sozinhas sem a figura masculina do pai, podemos criar duas possíveis situações: a primeira na qual temos o caso de viuvez, e uma segunda em que a menina seria fruto de uma relação proibida, uma bastarda. Pois visualizando esta última situação, podemos dizer que Chapeuzinho Vermelho era criada somente pela mãe, solteira e excluída do ambiente social. Tal situação, embora comum a todas as épocas, não era aceita, pois não enquadrava-se dentro aos padrões moralmente pregados como corretos entre os séculos XVIII e XIX. Essa forma de organização social e moral tipicamente cristã, reflete-se na própria literatura, a preservação de valores deve ser vista como a mola propulsora para a construção de uma sociedade íntegra, consequentemente os autores são obrigados a dissimular certas situações, uma vez que as mesmas podem sugerir cenas "degradantes" para as pessoas de "boa família".

Chapeuzinho Vermelho, como podemos verificar no conto dos Irmãos Grimm, pertencia a uma família muito pobre, tanto que fazia-se necessário o auxílio da menina em tarefas que em outro contexto seriam relegadas a um adulto. Como a avó de Chapeuzinho Vermelho adoecera a mãe da menina pediu-lhe que levasse uma cesta de iguarias para a enferma, mas a mesma morava a uma certa distância nas entranhas do bosque, seria necessário que a menina atravessasse um lugar deserto, para chegar a casa da avó. O procedimento adotado pela mãe de Chapeuzinho Vermelho não corresponde exatamente àquele tomado pela família burguesa cuja instituição deu-se com o advento da Revolução Francesa. Para Philippe Aries "*passou-se a admitir que a criança não estava madura para a vida, é que era preciso submetê-la a um regime especial, a uma espécie de quarentena antes*

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT.
BIBLIOTECA

de deixá-la unir-se aos adultos." (p. 277). Vejamos a passagem na qual Chapeuzinho Vermelho, em obediência a mãe parte para a casa da avó.

> *"Certo dia, sua mãe lhe pediu que levasse uma cesta com gostosos pãezinhos, frutas e pastéis, para a querida vovozinha, que estava doente na sua casinha do bosque. Chapeuzinho Vermelho que era boa menina e gostava muito da sua vovózinha, obedeceu imediatamente."*

A caminho da casa da avó Chapeuzinho Vermelho, pára repentinamente ao deparar-se com um lobo que a aconselha a colher flores num atalho que existia nas redondezas e levá-las para a vovó, uma vez que a menina narrava ao lobo o que fazia naquela jornada. Temos neste trecho a antropomorfização do lobo que milernamente habita o imaginário popular. São inúmeras as lendas que envolvem esse animal, todos pontuadas pelo poder, astúcia e ferocidade desse canídeo, que acompanha de perto o ser humano desde a pré-história. Portanto, o lobo é visto como criatura má dotada de atitudes tipicamente humanas e que persuade Chapeuzinho Vermelho de alterar o trajeto que fazia. No entanto, esta persuasão é feita de modo natural, não há objeção, o que evidencia um funcionamento ideológico, daí concordamos com Marilena Chauí quando a mesma afirma que *"a ideologia não tem história, mas fabrica histórias imaginárias que nada mais são do que uma forma de legitimar a dominação da classe dominante (...)"*. (p. 122).

> *"Chapeuzinho Vermelho ia muito contente pelo bosque, quando de*

repente apareceu um lobo diante dela. Aonde vai Chapeuzinho Vermelho? Perguntou o Lobo... Por que você não corta caminho e aproveita para colher umas flores para ela?..."

Nessa obra as únicas figuras masculinas apresentadas são o lobo e o lenhador e ambas trazem consigo a idéia da força e do poder. Essa forma de exposição evidencia o papel desempenhado pelo homem na sociedade existente no século XVIII. Com o poder absoluto de decisão, a figura masculina é nos apresentada conforme os acontecimentos do conto Chapeuzinho Vermelho. Primeiramente a menina é enganada pelo lobo, possuidor de uma índole duvidosa, em segundo Chapeuzinho Vermelho e a avó são salvas das garras lupinas pelo aparecimento súbito de um lenhador. Nesses dois momentos ocorre uma forma de conflito entre o "sexo forte" e o "frágil" sendo que aquele supera este em ambos os casos, seja pela astúcia e maldade, seja por uma suposta atitude benevolente de ajuda ao próximo. Desse modo, através da linguagem seja oral ou escrita, em nosso caso a literária, podemos constatar o funcionamento de sentidos. Utilizando-nos de Angel Pino no texto "Interação Social", temos a abordagem da questão do sentido feito por autores da corrente sócio-histórica (Vygotsky, Bakthim). Por sentido, afirma Angel Pino, "*eles entendem a significação que esses signos-articulados num contexto discursivo têm para cada um dos interlocutores, isso é, mais ou menos explicitado no processo discursivo*". (p. 54)

Chapeuzinho Vermelho, a família, o lobo e o lenhador aparecem como elementos constitutivos "*de um contexto sócio-histórico, sendo partes intrínsecas do todo social, a partir de tal consideração podemos afirmar que as relações dos homens entre si e deles com o mundo, são mediadas por instrumentos técnicos e por sistema de signos.*" (Pino, p. 52)

"O lobo olhou para Chapeuzinho com muita astúcia (...)"

"Quando Chapeuzinho Vermelho já pensava estar perdida, entrou pela porta um lenhador gritando: solte a menina... O lenhador matou o lobo com seu afiado machado e dentro dele encontrou a velhinha assustada, porém ainda com vida e feliz por ter saído tudo bem..."

Chapeuzinho Amarelo (anexo)

A terceira obra a ser analisada é Chapeuzinho Amarelo, uma paródia feita pelo autor Chico Buarque, na qual só pelo título nos remete a outra narrativa Chapeuzinho Vermelho.

O autor usa de muitos elementos que contém na tradicional história, invertendo-os para assim escrever seu belo conto.

Logo de início observamos que a mudança de cor, que de vermelho, que pode sugerir, paixão ou dor, para amarelo que pode sugerir desconforto, medo ou doença como anemia.

Outro ponto a observarmos é a mudança do tipo de chapéu, nessa versão a garota usa um chapéu bem moderno quase parecido com um boné, que nos sugere uma história atual

e talvez comportamentos menos discriminados para os dois sexos, coisa impossível na época da versão Chapeuzinho Vermelho.

"Era a Chapeuzinho Amarela

Amarela de medo

Tinha medo de tudo,

Aquela chapeuzinho..."

A primeira parte da história a menina é caracterizada fundamentalmente pelo medo onde fica claro já a partir da frase *"Era a Chapeuzinho Amarelo"*.

Nessa apresentação inicial da personagem todos os elementos vão enfatizar o medo que a domina.

"Não subia escada

nem descia."

"Não estava resfriado

mas tossia."

Neste conto acontece uma alusão à história de Chapeuzinho Vermelho, e com ambigüidade: conto de fada é também o que não é real, e ainda assim causava o medo a menina.

Observa-se também o jogo de palavras envolvendo o amarelo: *"Amarelada de medo, não brincava nem de amarelinha."*

Em seguida aparece a figura do lobo, mas inicialmente apenas como fruto do pensamento causado pelo medo.

"O medo mais que medonho

era o medo do tal LOBO"

"Um lobo que nunca se via..."

Aqui encontramos a presença da figura ideológica, partindo da menina com relação ao lobo, pois como entendemos ideologia é a deturpação da realidade e com isso pode haver a deturpação premeditada que pode chegar a mentira, a impostura e a falsificação, mas de um modo geral fazemos a ideologia necessária e inconscientemente.

No conto observamos que o autor faz aos Irmãos Grimm, que entre outras coletaram narrativas folclóricas do Chapeuzinho Vermelho. E a teia de aranha sugere o lugar não vasculhado, o antigo o tradicional aceitos sem discussão.

"Num buraco da Alemanha

cheio de teia de aranha

numa terra tão estranha..."

Nota-se também a intensificação do sentimento da menina conseguido pela repetição. Este apresenta a menina fugindo do seu maior medo o LOBO.

"Tinha cada vez mais medo

do medo do medo do medo."

"De um dia encontrar um LOBO

Um LOBO que não existia..."

Mas de tanto viver esse medo ela acaba por encontrar esse "famoso LOBO".

"Carão de LOBO

orelhão de LOBO

jeitão de LOBO"

Apesar da discriminação inicial ser igual a da história tradicional Chapeuzinho Vermelho. A narrativa é simplificada e apenas os aumentativos já nos confirmam as características do Lobo de antigamente. Mas a enumeração do que o lobo é capaz de comer é por si, exagerada, o que nos leva a desconfiar da sua verocidade e do real perigo do lobo. Além do exagero, a enumeração apresenta elementos imprevisíveis.

"... e principalmente um bocão
tão grande que era capaz de
comer duas avós, um caçador,
rei, princesa, sete planetas de
arroz e um chapéu de sobremesa..."

É importante observar que a repetição da palavra medo vai-se diminuindo. E a palavra LOBO, que aparecia em letras grandes, acaba por ter a dimensão das outras palavras, tornando-se comum. Nota-se ainda a ambigüidade que há no último que há no último verso: ela ficou só (sem o medo) com o lobo, e ficou sozinha com ele.

"... a Chapeuzinho Amarelo foi perdendo aquele medo, o medo do medo do medo de um dia encontrar um LOBO. Foi passando aquele medo do medo, que tinha do LOBO. Foi ficando só com um pouco de medo daquele lobo..."

Na ilustração da página, o amarelo anterior das faces dá lugar ao vermelho. Os olhos não tem mais expressão de medo, mas de expetativas. Com isso o descontentamento do lobo é expresso claramente a seguir.

"Ficou mesmo envergonhado triste,

murcho e branco azedo, porque um lobo

tirado o medo, é um arremedo de Lobo.

É feito lobo sem pêlo. Lobo pelado."

O lobo desvestido, pelado, desmascarado o medo, passa realmente a não existir. Por isso a ilustração mostra um corpo animal, sem cabeça, mal caracterizado. Não se individualiza como Lobo, e tem o rabo entre as pernas. Com isso observamos que mesmo o conto sendo uma história atual, não perdeu seu elo de ligação com os contos de fadas tradicionais, pois os mesmos se utilizavam muito de metáforas e podemos dizer tem suas raízes ligadas ao mito e lenda, consequentemente é essa união que causa a complexidade dentro da expressão literária, pois recriada pela problemática moderna, ela conserva suas fontes tradicionais e míticas.

No conto, Chapeuzinho está jogando amarelinha, e ela não difere na descontração das meninas que aparece na história. Mas a desagradável repetição da palavra lobo é interrompida pela menina. E de lobo virou Bolo. Lemos ai a inversão de papéis, mas Chapeuzinho não vai comer aquele lobo pois prefere de chocolate, consequentemente se tem uma explicitação de humor na narrativa. E o lobo bolo inútil desaparece da história.

"Um bolo de lobo fofo

tremendo que nem pudim,

com medo de ser comido

com vela e tudo inteirim..."

Ficamos agora com uma nova apresentação de Chapeuzinho, completamente ao contrário à do primeiro momento da história, as orações antes na forma negativa torna-se afirmativas, sugerindo assim o dinamismo atual da menina.

"Cai levanta, se machuca,

vai a praia entra no

mato, trepa em árvores

rouba fruta depois joga

amarelinha..."

E como não poderia falta nos textos de Chico Buarque, em suas brincadeiras a menina tem como amigos, não reis e princesas, mas crianças sem separação de sexo e de classe social.

"... Com a filha do jornaleiro

com o primo da vizinha

com a sobrinha da madrinha

e o neto do sapateiro."

Realidade ou fantasia

Considerando a existência de três elementos de análise encerrados nas versões do conto Chapeuzinho Vermelho de Perrault, Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm e Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque, traçamos um quadro comparativo no qual foram considerados os principais aspectos até esse momento abordados.

Sabemos que as duas primeiras versões citadas acima surgiram em um período situado entre os séculos XVIII e XIX, mas a terceira aparece como uma paródia feita pelo autor Chico Buarque em pleno movimento da contemporaneidade, e portanto, adaptada aos padrões sociais do contexto atual.

Centraremos a comparação, inicialmente na personagem que protagoniza os três contos, constatando que o Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm, é exposta como uma criança marcada pela ingenuidade típica da infância. Criada em um ambiente rural, a menina obedeceu diligentemente a mãe e confirma a influência do meio social sobre a família. Pois direcionando-se à casa da avó, Chapeuzinho Vermelho depara-se com o "lobo", o qual dotado de sagacidade decide aproveitar-se da inocência da menina, desviando-lhe a atenção da tarefa incumbida pela mãe. Por outro lado, a Chapeuzinho Vermelho que intitula o conto de Perrault está totalmente desvinculada à pureza e inocência infantil. Nessa versão temos uma conotação sexual nos movimentos da personagem em seu encontro com o "lobo". Perrault adere ao erotismo, mostrando desse modo uma jovem que desobedecendo as instruções materno-sociais, deixa-se seduzir pelos apelos de um ser astuto e mal na figura do

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

lobo, animal selvagem e voraz que habita o imaginário popular há séculos, enquanto criatura dotada de estranhos poderes de sedução. Lígia Cademartori afirma que

> *"os princípios educativos que regem os contos de Perrault e que foram apresentados por ele no prefácio da edição em verso de 1965, são os critérios da arte moral definidos pela contra-reforma. A valorização do pudor, mas, antes de mais nada, a cristianização."* (p. 41).

Dessa forma, Chapeuzinho Vermelho de Perrault serve para ilustrar como literatura de teor moralizante, as quais desgraças estão condenadas aqueles indivíduos que não incorporam os modelos sociais aceitos como corretos.

Abordando a personagem Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque, encontramos uma retomada histórica, a releitura de uma obra secular, que inicialmente passado nos bosques europeus ganha contornos diferentes, frutos da modernidade. Ocorre um deslocamente no que se refere ao nome da personagem, nos outros contos Chapeuzinho Vermelho e agora Chapeuzinho Amarelo. Isso demonstra uma forma de desapego ao tradicional, uma fuga aos padrões, criando consequentemente uma perspectiva diferenciada da temática, para Lígia Cademartori há uma reversão das expectativas, e isso é "*sinal dos tempos, o que garante a receptividade dos textos (...), é o que ocorre com Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque, onde o medo é vencido mediante o poder transformador da palavra (...)*" (p. 58).

Em Chapeuzinho Amarelo, Chico Buarque constroe uma personagem cuja existência é pautada pelo medo, ação que a obriga ao isolamento pessoal. Dentre os medos, que acometiam Chapeuzinho Amarelo, o mais aterrador era o do LOBO, um medo inconsciente.

Certo dia a menina encontra-se com o LOBO que habitava-lhe o imaginário e a partir de então o medo subitamente desaparece, dando lugar a um posicionamento mais lúdico diante da vida. Tal situação representa o eterno temor humano face ao desconhecido, a sedimentação ideológica que assegura à fixação de certos modelos sociais e culturais em detrimento de outros. Utilizando-nos de M. Chauí (1994,87), podemos dizer que "*a ideologia nasce para fazer com que os homens creiam que suas vidas são o que são em decorrência da ação de certas entidades (a natureza, os deuses ou Deus, a razão ou a ciência, a sociedade ou o estado) que existem em si e por si e as quais é legítimo e legal que se submetam*".

Portanto para a comparação de outro aspecto, nesse momento a família, iniciaremos como ocorreu anteriormente pelo Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm.

No conto acima citado a família da personagem protagonista é composta pela sua mãe e avó, sendo que as três mulheres moram em casas separadas (Chapeuzinho Vermelho obviamente com a mãe). Essa forma de constituição familiar não condiz com o modelo estabelecido pela sociedade burguesa, o patriarcal. Não se percebe comentários a respeito do pai de Chapeuzinho Vermelho, portanto é arriscado a tecer hipóteses sobre tal figura, uma vez que não existem pistas que nos forneçam evidências para isso.

Em Chapeuzinho Vermelho, de Perrault, a família da personagem central é nos mostrada com a mesma constituição do Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm, a avó, a mãe, e a menina, três mulheres que subsistem sem a presença masculina. Nelly Novaes (1998:66), afirma que a natureza dos argumentos dos contos escolhidos por Perrault para a

sua coletânea (praticamente todos centrados em mulheres injustiçadas, ameaçadas ou vítimas), confirma sua intenção, de apoio à causa feminista, da qual uma das líderes era sua sobrinha Mlle Héritus. Em Chapeuzinho Vermelho de Perrault, temos uma família de constituição frágil, na qual três mulheres aparecem ritimadas pelo meio, uma vez que estão a mercê das maldades humanas, justamente por faltar-lhes a figura masculina do pai protetor e poderoso.

Já em Chapeuzinho Amarelo, não podemos em momento algum constatar a existência direta de uma família que englobasse a personagem principal, mas indiretamente podemos ter provas de tal núcleo pela formação social adquirida pela menina. Chapeuzinho Amarelo como parte constitutiva do meio social recebe influências culturais enquanto sujeito da história. Os medos que acompanham a menina têm origem em certos discursos legitimando-se ao longo do processo histórico. Portanto Chapeuzinho Amarelo enquanto ser social interage com o meio porque

> "*a interação social é a condição permanente de existência do sujeito, a qual se concretiza numa constante relação com os outros. A interação social como sinônimo de intersubjetividade e não de qualquer outra modalidade relacional, constitui o próprio modo de ser social do homem, a expressão da sua natureza e origem sociais.*" (Pino, 57)

Por meio desse quadro comparativo tentamos estabelecer uma linha de filiações, entre os três contos analisados, e constatamos que embora produzidos em épocas diferentes, representam a efervescência sócio-histórico que atravessa o processo de formação da sociedade humana. Tal representação é feita pela literatura, arte que consegue filtrar pelas suas lentes o real de modo original, e segundo Lígia Cadermatori (22,23) "*a literatura recorta o real, sintetiza o e interpreta—o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. Veículo de patrimônio cultural da humanidade, a literatura se caracteriza, a cada obra, pela proposição de novos conceitos que provocam uma submissão do já estabelecido.*"

Considerações Finais

O trabalho científico é de suma importância uma vez que se encerra o curso de letras, sendo ele parte integrante de todo o curso conquistado.

O tema pensado, inicialmente não foi trabalhar a literatura infantil dentro de contos de fadas e assim estar analisando-os como foi feito, e sim trabalhar a literatura infantil na educação, mais especificamente nas 5ª e 6ª séries.

Partindo de várias conversas com a minha orientadora, e de acordo com as bibliográficas encontradas, chegamos a conclusão de que seria melhor e mais interessante estarmos fazendo uma análise contextualizada das obras Chapeuzinho Vermelho em 2 versões e Chapeuzinho Amarelo que é uma paródia, como já foi vista, feita por Chico Buarque. Mesmo porque encontramos muitas dificuldades de estarmos fazendo a pesquisa de campo, se fosse trabalhar na educação, pois os professores aos quais entramos em contato não estariam trabalhando em Literatura Infantil nesse momento, e sim no segundo semestre.

O desenvolvimento do mesmo foi de muito esforço e dedicação, tentamos assim fazer um trabalho de boa qualidade, sendo que eu e a minha orientadora, estávamos sempre retomando ponto a ser melhorados.

Percebemos que mesmo dentro das limitações de tempo e escassez de bibliografia, e outros fatores, tentamos apresentar aqui uma contribuição científica, exclarecendo que esta é apenas uma das tantas possibilidades de análise.

Bibliografia

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS Maria Helena Pires. *Filosofando.* Introdução à Filosofia. Editora Moderna Ltda. São Paulo, 1992.

ARIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família.* Segunda Edição. Editora Afiliada. Rio de Janeiro, 1981.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas.* 12ª edição. Editora Paz e Terra S/A. São Paulo. SP. 1998.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil.* Coleção Primeiros Passos. Editora brasiliense, 6ª edição. São Paulo, 1994.

CARVALHO, de Vasconcelos Barbara. *Literatura Infantil Estudos.* Editora Lotas. São Paulo.

CHAUI, Marilena de Souza. *O que é ideologia.* 37ª edição. Editora brasiliense. *Coleção Primeiros Passos.* São Paulo, 1994.

COELHO, Novaes Nelly. *O Conto de Fadas.* 3ª edição, ed. Ática. São Paulo. 1998.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil.* Teoria e Prática. 13ª edição. Ed. Ática. S.A. 1994, São Paulo.

DEMO, Pedro. *Uma Introdução Crítica.* 2ª edição. Editora Atlas S.A. São Paulo, 1987.

GUARESCHI, Pedrinho. *Sociologia Crítica Alternativas de mudança.* 44ª Edição, (revisada e ampliada). Porto Alegre, 1999.

MARTINS, Mario Ribeiro. *Sociologia Geral e Especial.* Editora Walt Disney. 1982.

PINO, Angel. *O Conceito de Mediação Semiótica em Vigotisky e seu papel na explicação do psiquismo humano.* In: Caderno SEDEF, 24; Campinas – SP. Papirus, 1991.

DEMO, Pedro. *Uma Introdução Crítica.* 2ª edição. Editora Atlas S.A. São Paulo, 1987.

GUARESCHI, Pedrinho. *Sociologia Crítica Alternativas de mudança.* 44ª Edição, (revisada e ampliada). Porto Alegre, 1999.

MARTINS, Maria Ribeiro. *Sociologia Geral e Especial.* Editora Walt Disney. 1982.

PINO, Angel. *O Conceito de Mediação Semiótica em Vigotisky e seu papel na explicação do psiquismo humano.* In: Caderno SEDEF, 24; Campinas – SP. Papirus, 1991.

ANEXOS

Era uma vez uma menina que vivia numa aldeia e era a coisa mais linda que se podia imaginar. Sua mãe era louca por ela, e a avó mais louca ainda. A boa velhinha mandou fazer para ela um chapeuzinho vermelho, e esse chapéu lhe assentou tão bem que a menina passou a ser chamada por todo mundo de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia sua mãe, tendo feito alguns bolos, disse-lhe: "Vá ver com está passando a sua avó, pois fiquei sabendo que ela está um pouco adoentada. Leve-lhe um bolo e este potezinho de manteiga". Chapeuzinho Vermelho partiu logo para a casa da avó, que morava numa aldeia vizinha. Ao atravessar a floresta, ela encontrou o Sr. Lobo, que ficou louco de vontade de comê-la; não ousou fazer isso, porém, por causa da presença de alguns lenhadores na floresta. Perguntou a ela aonde ia, e a pobre menina, que ignorava ser perigoso parar para conversar com um lobo, respondeu: "Vou à casa da minha avó para levar-lhe um bolo e um potezinho de manteiga que mamãe mandou". "Ela mora muito longe?", quis saber o Lobo. "Mora, sim" , falou Chapeuzinho Vermelho. "Mora depois daquele

moinho que se avista lá longe, muito longe, na primeira casa da aldeia". "Muito bem", disse o Lobo, "eu também vou visitá-la. Eu sigo por este caminho aqui, e você por aquele lá. Vamos ver quem chega primeiro".

O Lobo saiu correndo a toda velocidade pelo caminho mais curto, enquanto a menina seguia pelo caminho mais longo, distraindo-se a colher avelãs, a correr atrás das borboletas e a fazer um buquê com as florezinhas que ia encontrando.

O Lobo não levou muito tempo para chegar à casa da avó. Ele bate: toc, toc. "Quem é?", pergunta a avó. "è a sua neta, Chapeuzinho Vermelho", falou o Lobo disfarçando a voz. "Trouxe para a senhora um bolo e um potezinho de manteiga, que minha mãe mandou". A boa avozinha, que estava acamada porque não se sentia muito bem, gritou-lhe: "Levante a aldraba que o ferrolho sobe". O Lobo fez isso e a porta se abriu. Ele lançou-se sobre a boa mulher e a devorou num segundo, pois fazia mais de três dias que não comia. Em, seguida, fechou a porta e se deitou na cama da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho. Passado algum tempo ela bateu à porta: toc, toc. "Quem é?" Chapeuzinho Vermelho, ao ouvir a voz grosa do Lobo, ficou com medo a princípio, mas supondo que a avó estivesse rouca, respondeu: "é sua neta, Chapeuzinho Vermelho, que traz para a senhora um bolo e um potezinho de manteiga, que mamãe mandou". O Lobo gritou-lhe, adoçando um pouco a voz: "Levante a aldraba que o ferrolho sobe". Chapeuzinho Vermelho fez isso e a porta se abriu.

O Lobo, vendo-a entrar, disse-lhe, escondendo-se sob as cobertas; "Ponha o bolo e o potezinho de manteiga sobre a arca e velha deitar aqui comigo". Chapeuzinho Vermelho despiu-se e se meteu na cama, onde ficou muito admirada ao ver como a avó estava

esquisita em seu traje de dormir. Disse a ela: "Vovó, como são grandes os seus braços!" "É para melhor te abraçar, minha filha!". "Vovó, como são grandes as suas pernas!". "É para poder correr melhor, minha netinha!" "Vovó, como são grandes os seus olhos!". "É para ouvir melhor, netinha!" "vovó, como são grandes os seus dentes!" "É para te comer!" E assim dizendo, o malvado lobo atirou-se sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA



Era uma vez uma meiga e doce menina que morava nu
linda casinha perto do bosque; chamava-se Chapeuzin
Vermelho pois costumava usar uma bela capa vermel
com um capuz da mesma cor.
Certo dia, sua mãe lhe pediu que levasse uma cesta co
gostosos pãezinhos, frutas e pastéis para a querida vo
zinha, que estava doente na sua casinha do bosque. Ch
peuzinho Vermelho, que era boa menina e gostava muito
sua vovozinha, obedeceu imediatamente.





Chapeuzinho Vermelho ia muito contente pelo bosque, quando de repente apareceu um lobo diante dela. — Aonde vai, Chapeuzinho Vermelho? — perguntou o lobo. — Vou visitar minha vovozinha que está doente. Estou levando pãezinhos, frutas e pastéis — disse Chapeuzinho.

O lobo olhou para Chapeuzinho Vermelho com muita astúcia e lhe disse:

— Por que você não corta caminho e aproveita para colher umas flores para ela?

— Obrigada, Sr. lobo! É uma ótima idéia — respondeu Chapeuzinho.

Enquanto a menina colhia as flores, o lobo malvado rapidamente foi para a casa da avó de Chapeuzinho Vermelho. Ao chegar bateu na porta e, disfarçando a voz, disse: — Sou eu, vovozinha! Chapeuzinho Vermelho! Trago gostosos pãezinhos, frutas e pastéis para a senhora. — A velhinha, que não ouvia bem, abriu a porta e o lobo malvado começou a persegui-la pela casa inteira. Logo a pegou e, como tinha muita fome, engoliu-a de uma vez só.



Então, o lobo malvado vestiu a roupa da vovozinha e esperou por Chapeuzinho Vermelho, pois ainda estava com muita fome. Disfarçado, meteu-se na cama para esperar a menina.





Pouco depois Chapeuzinho Vermelho chegou e teve uma grande surpresa ao ver o lobo malvado no lugar da vovó.

— Vovozinha, que orelhas tão grandes você tem!

— São para ouvi-la melhor, minha netinha — respondeu o lobo.

— E que olhos tão grandes!

— São para vê-la melhor.

— E que dentes tão grandes, vovozinha!

— Ah! Você quer saber... são para mastigar melhor, minha menina!...



UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

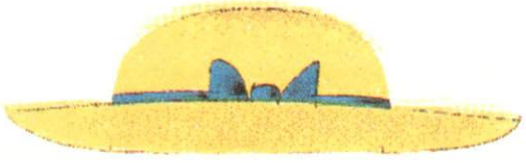
Ao dizer isto, o lobo saltou da cama e começou a correr atrás de Chapeuzinho Vermelho. Ela correu o mais que pôde e o lobo atrás dela, quebrando tudo que encontrava no caminho. Chapeuzinho Vermelho começou então a gritar por socorro, com todas as suas forças.
Quando Chapeuzinho Vermelho já pensava estar perdida, entrou pela porta um lenhador gritando: — Solte a menina, solte a menina, senão você vai ver, seu malvado!



O lenhador matou o lobo com seu afiado machado e dentro dele encontrou a velhinha muito assustada, porém ainda com vida e feliz por ter saído tudo bem. Chapeuzinho Vermelho e a velhinha agradeceram ao lenhador e festejaram os três muito felizes, comendo aquela gostosa merenda que a menina havia levado para a vovozinha.



Chico Buarque



Chapeuzinho Amarelo

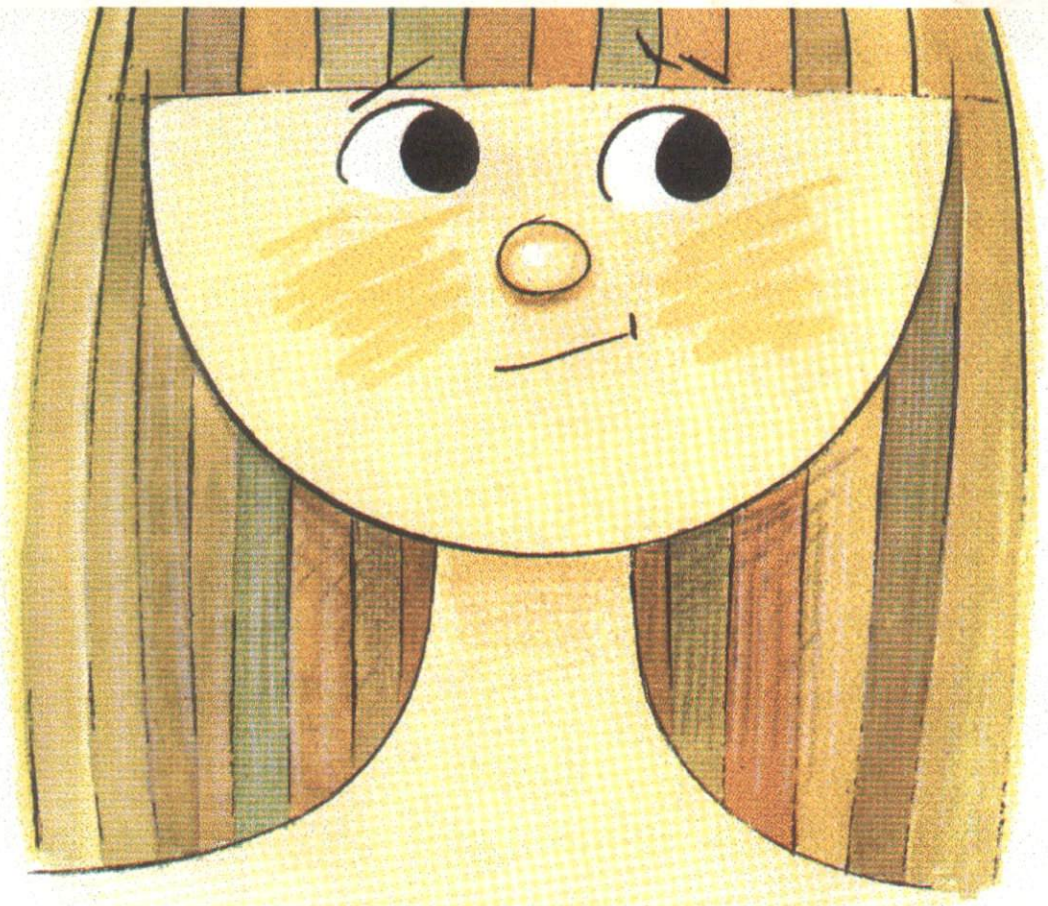
ILUSTRAÇÕES DE

Ziraldo

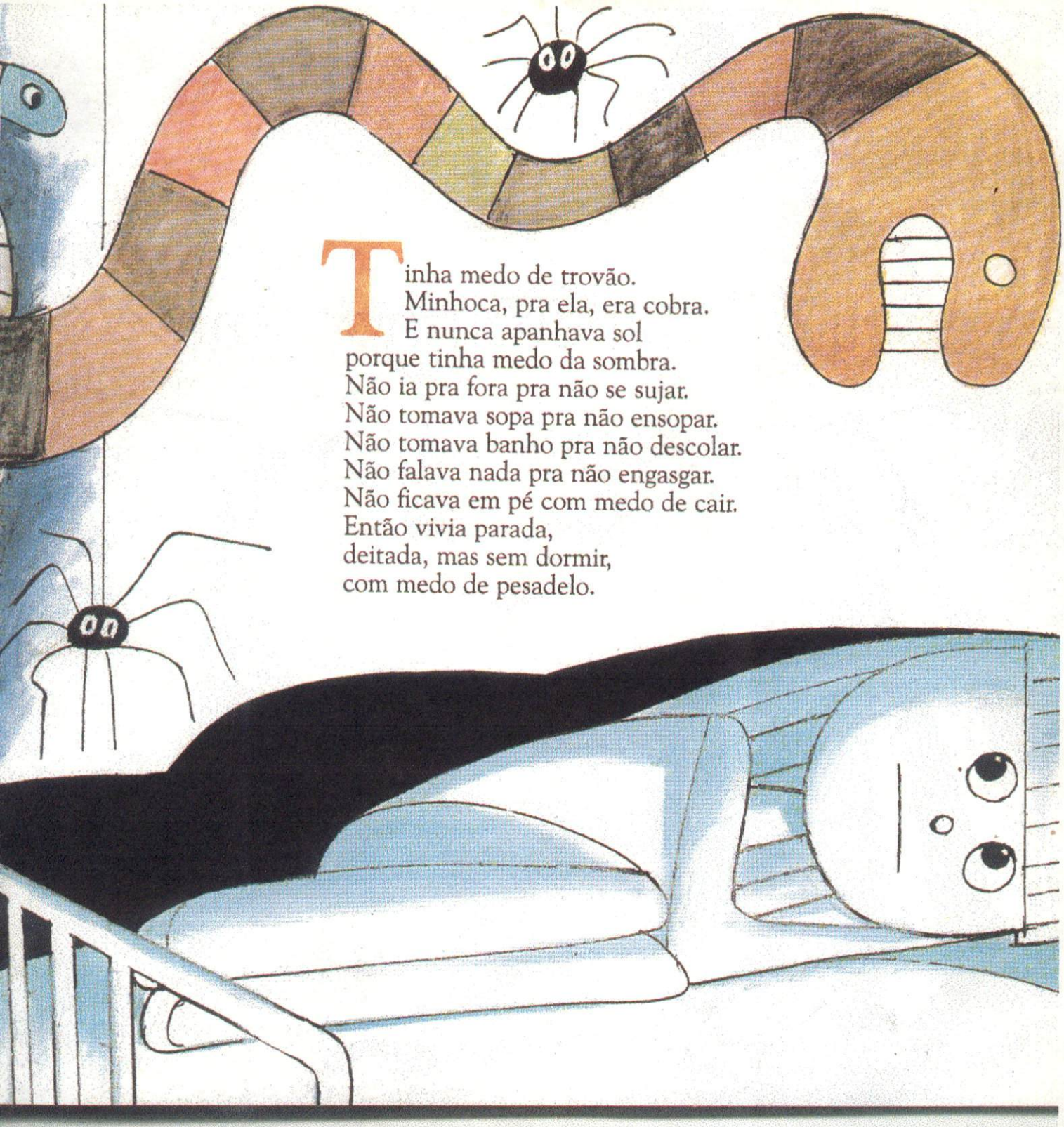
6ª edição

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

A MUSEU
Orientação



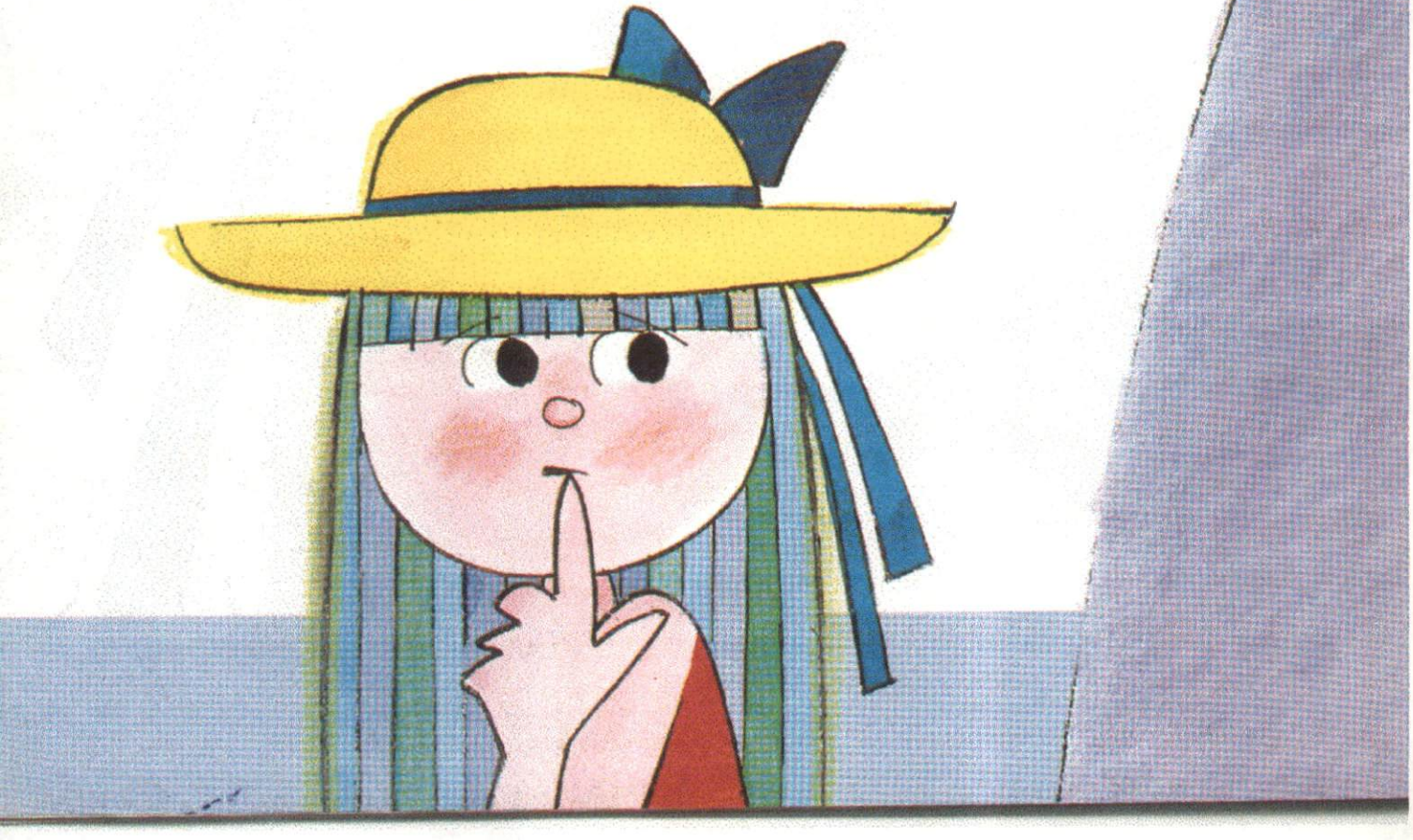
Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo,
aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
Em festa, não aparecia.
Não subia escada
nem descia.
Não estava resfriada
mas tossia.
Ouvia conto de fada
e estremecia.
Não brincava mais de nada,
nem de amarelinha.



Tinha medo de trovão.
Minhoca, pra ela, era cobra.
E nunca apanhava sol
porque tinha medo da sombra.
Não ia pra fora pra não se sujar.
Não tomava sopa pra não ensopar.
Não tomava banho pra não descolar.
Não falava nada pra não engasgar.
Não ficava em pé com medo de cair.
Então vivia parada,
deitada, mas sem dormir,
com medo de pesadelo.

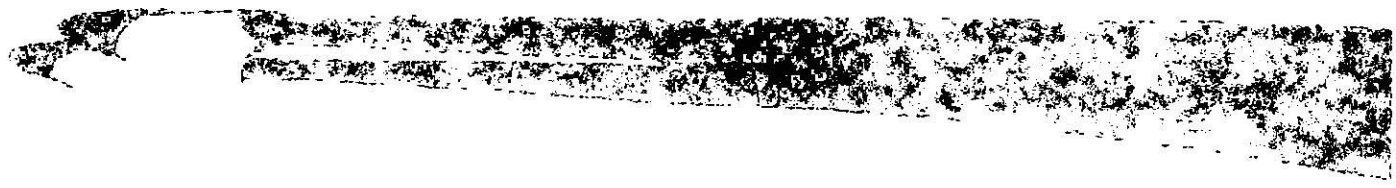
Era a Chapeuzinho Amarelo.
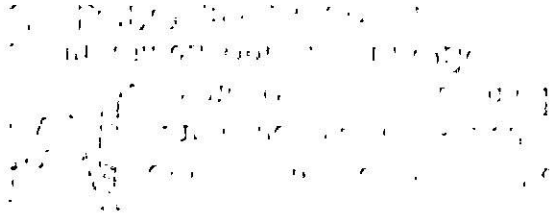
E de todos os medos que tinha
o medo mais que medonho
era o medo do tal do LOBO.
Um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha,
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha,
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO
nem existia.





Mesmo assim a Chapeuzinho tinha cada vez mais medo do medo do medo do medo de um dia encontrar um LOBO. Um LOBO que não existia.







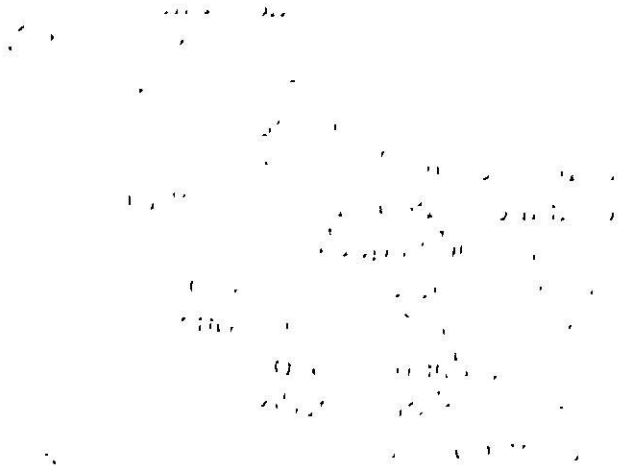
E Chapeuzinho Amarelo,
de tanto pensar no LOBO,
de tanto sonhar com LOBO,
de tanto esperar o LOBO,
um dia topou com ele
que era assim:
carão de LOBO,
olhão de LOBO,
jeitão de LOBO
e principalmente um bocão
tão grande que era capaz
de comer duas avós,
um caçador,
rei, princesa,
sete panelas de arroz
e um chapéu
de sobremesa.





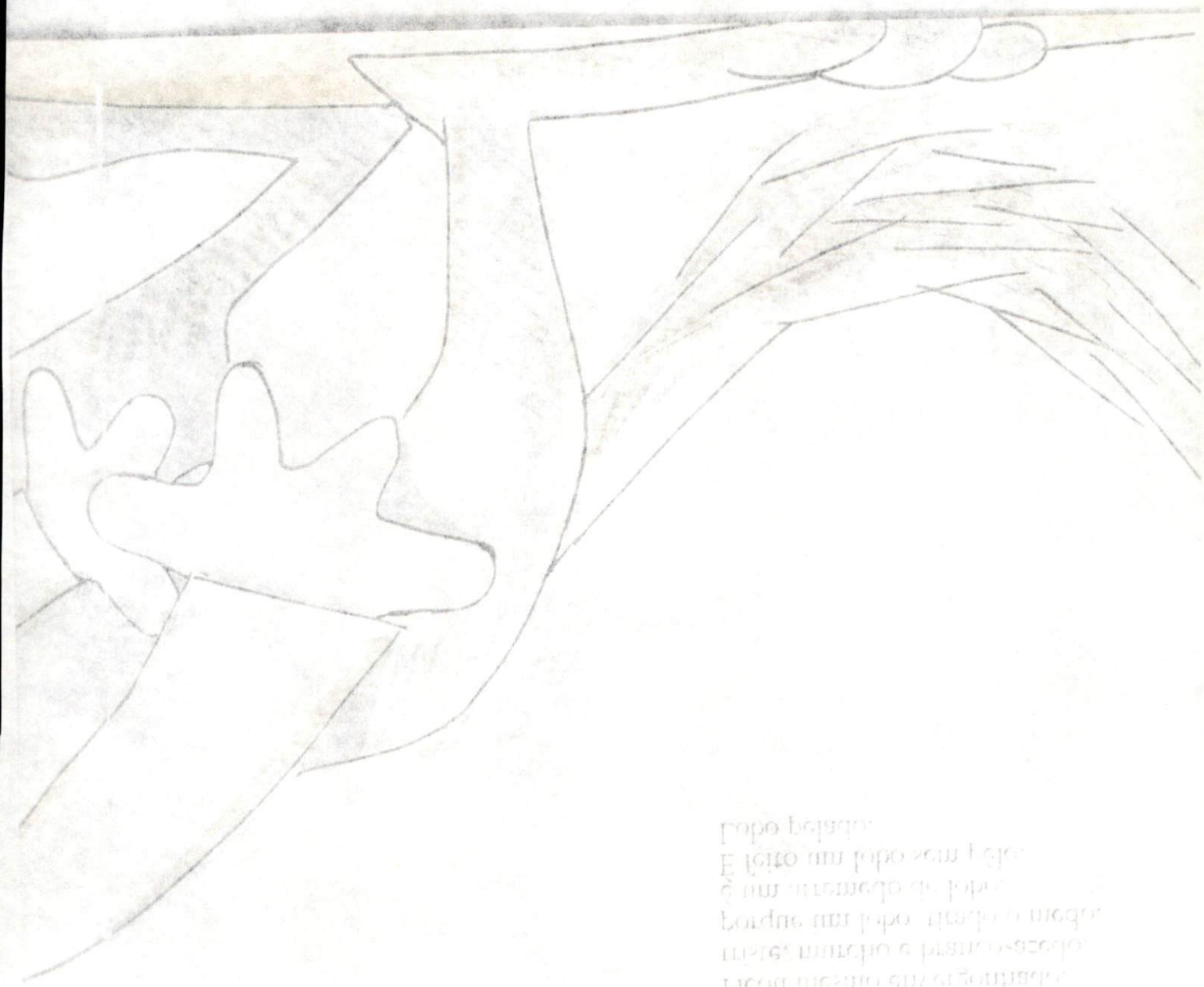


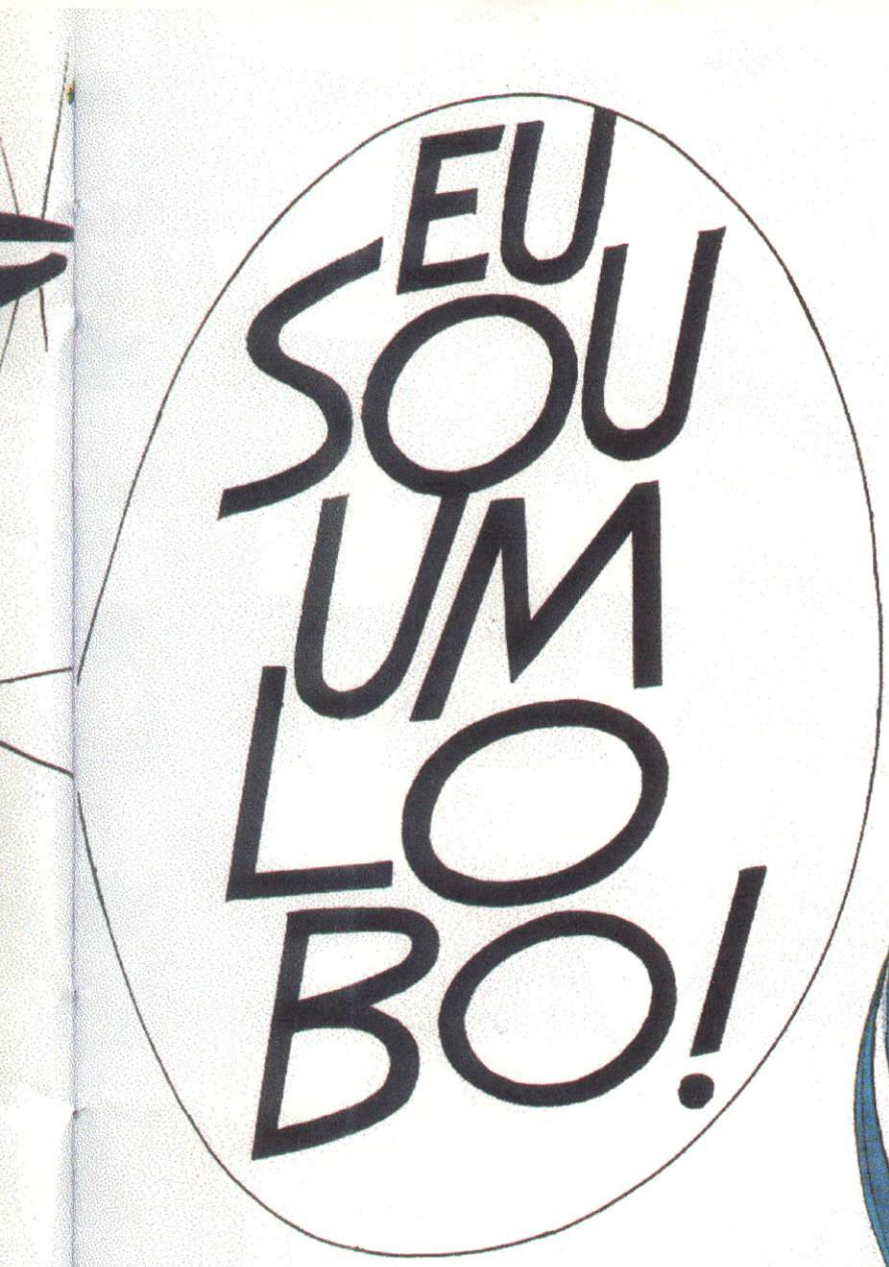
Mas o engraçado é que,
assim que encontrou o LOBO,
a Chapeuzinho Amarelo
foi perdendo aquele medo,
o medo do medo do medo
de um dia encontrar um LOBO.
Foi passando aquele medo
do medo que tinha do LOBO.
Foi ficando só com um pouco
de medo daquele lobo.
Depois acabou o medo
e ela ficou só com o lobo.



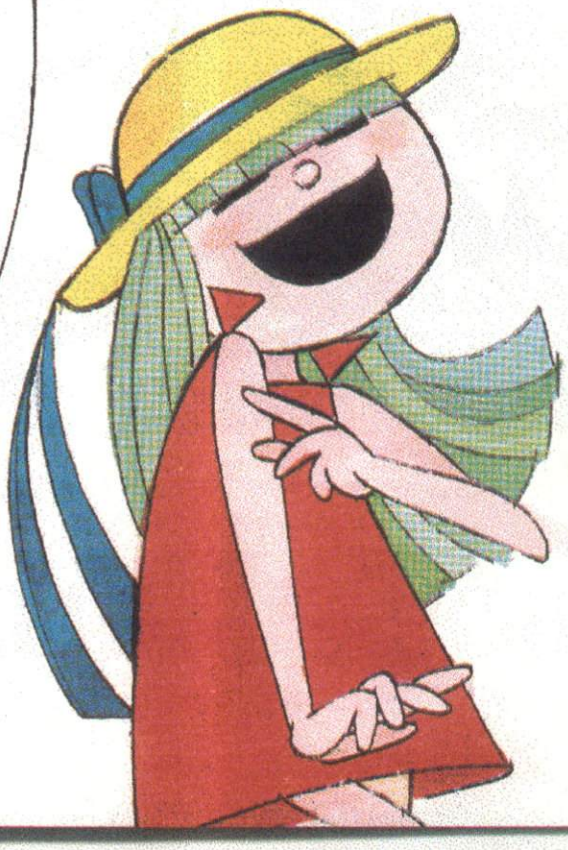
O lobo ficou chateado
de ver aquela menina
olhando pra cara dele,
só que sem o medo dele.
Ficou mesmo envergonhado,
triste, murcho e branco-azedo,
porque um lobo, tirado o medo,
é um arremedo de lobo.
É feito um lobo sem pêlo.
Lobo pelado.



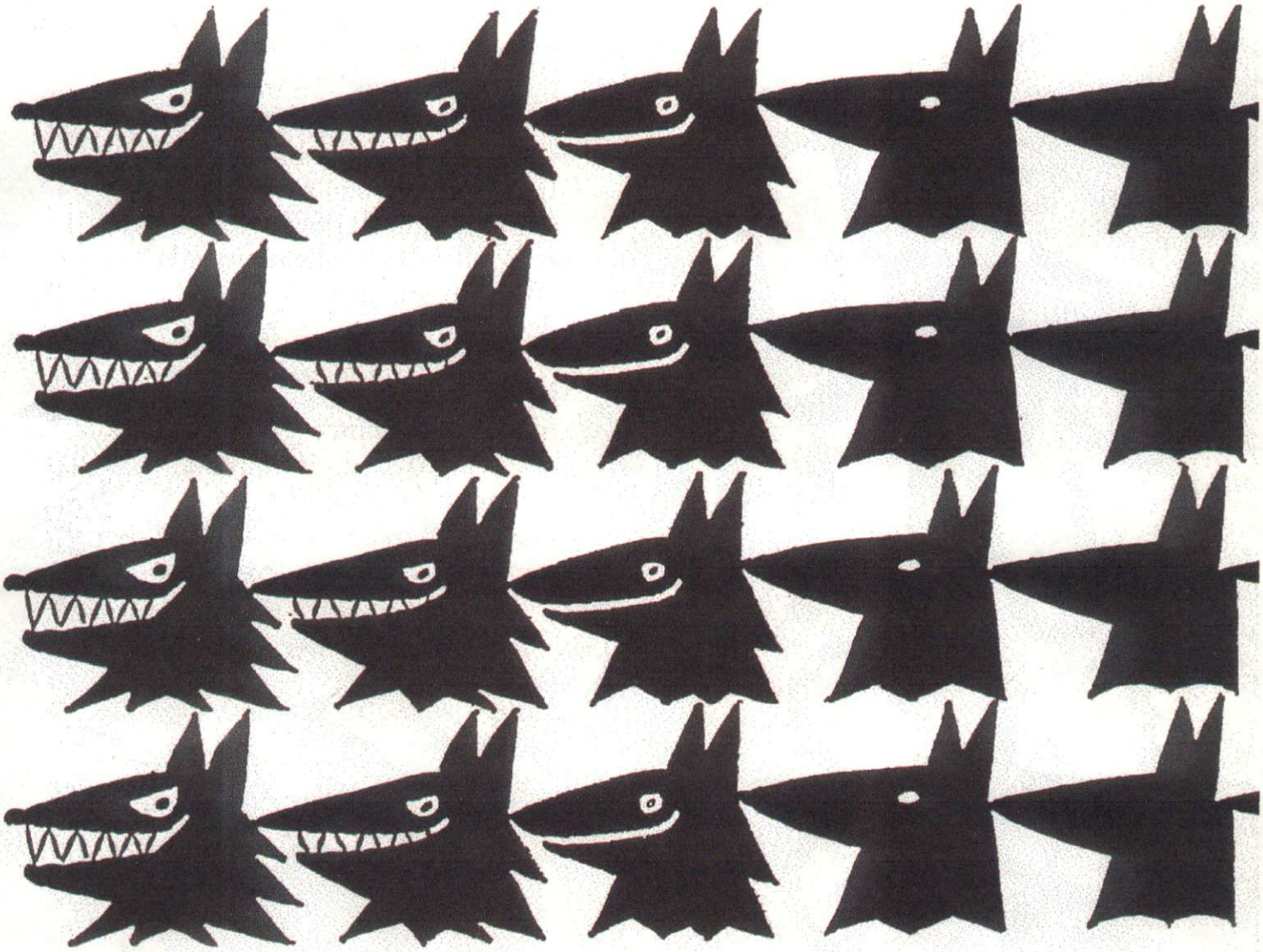




Ele gritou: sou um LOBO!
Mas a Chapeuzinho, nada.
E ele gritou: sou um LOBO!
Chapeuzinho deu risada.
E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!
Chapeuzinho, já meio enjoada,
com vontade de brincar
de outra coisa.
Ele então gritou bem forte
aquele seu nome de LOBO
umas vinte e cinco vezes,
que era pro medo ir voltando
e a menininha saber
com quem não estava falando:

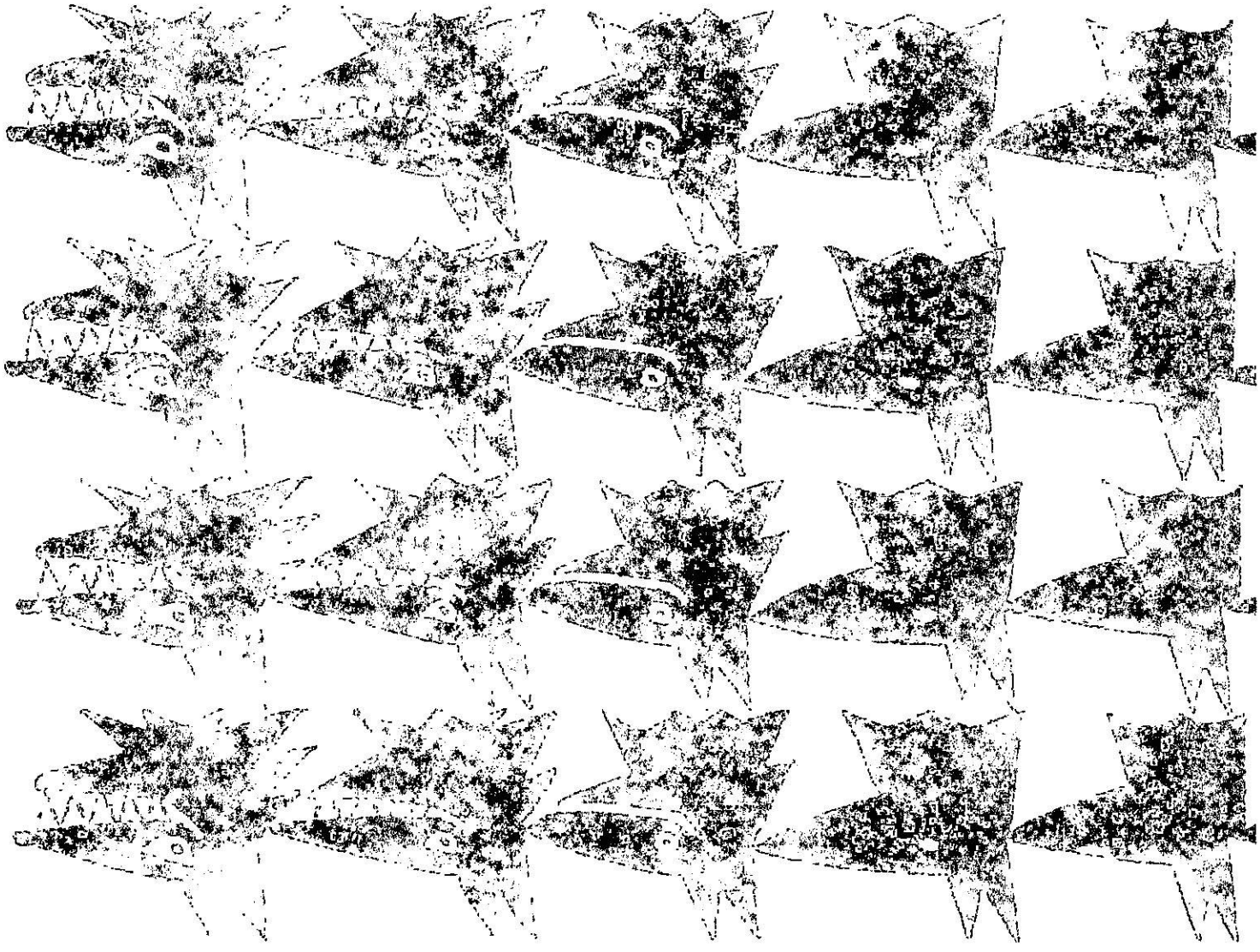


ROBOT
ROBOT



LO BO LO BO LO BO LO BO LO B

ГО ВО ГО ВО ГО ВО ГО ВО ГО



Aí,

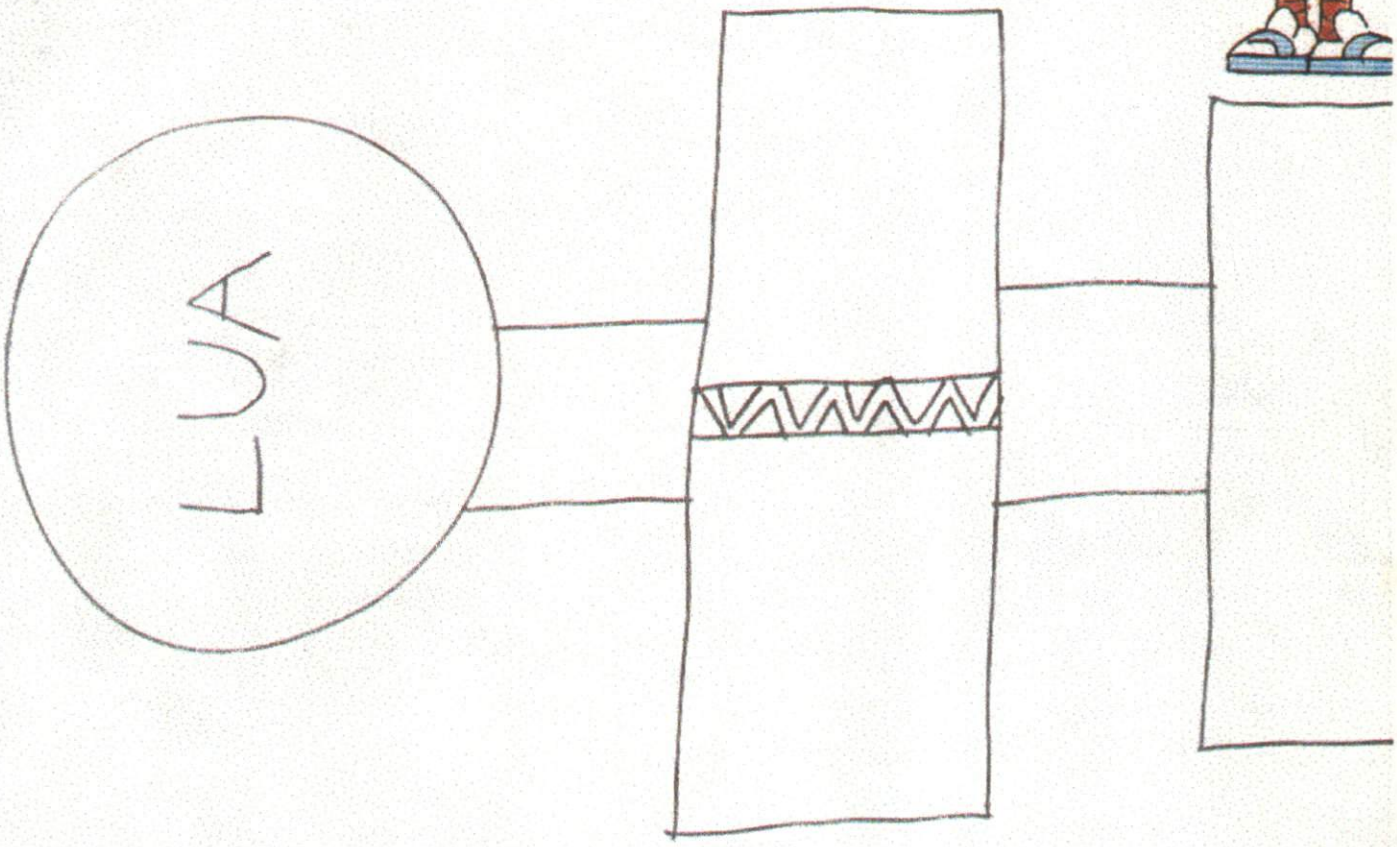
Chapeuzinho encheu e disse:
"Pára assim! Agora! Já!
Do jeito que você tá!"
E o lobo parado assim
do jeito que o lobo estava
já não era mais um LO-BO.
Era um BO-LO.
Um bolo de lobo fofo,
tremendo que nem pudim,
com medo da Chapeuzim.
Com medo de ser comido
com vela e tudo, inteirim.

LOBOLOBO

Chapeuzinho não comeu
aquele bolo de lobo,
porque sempre preferiu
de chocolate.
Aliás, ela agora come de tudo,
menos sola de sapato.
Não tem mais medo de chuva
nem foge de carrapato.

Cai, levanta, se machuca,
vai à praia, entra no mato,
trepa em árvore, rouba fruta,
depois joga amarelinha
com o primo da vizinha,
com a filha do jornaleiro,
com a sobrinha da madrinha
e o neto do sapateiro.







Mesmo quando
está sozinha,
inventa
uma brincadeira.
E transforma
em companheiro
cada medo que ela tinha:
o raio virou orrái,
barata é tabará,
a bruxa virou xabru
e o diabo é bodiá.

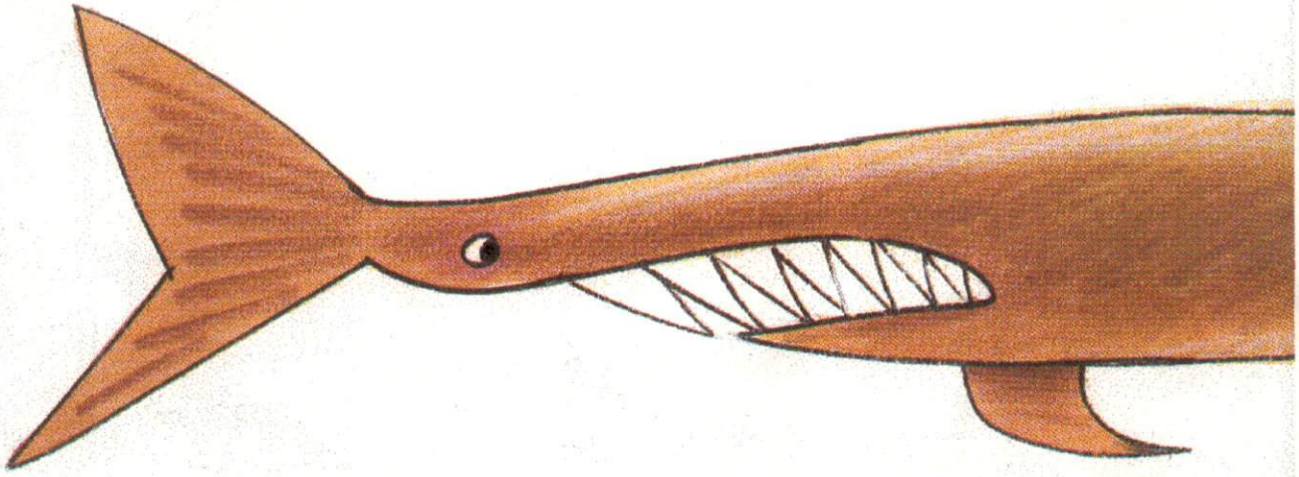
FIM

MEIN

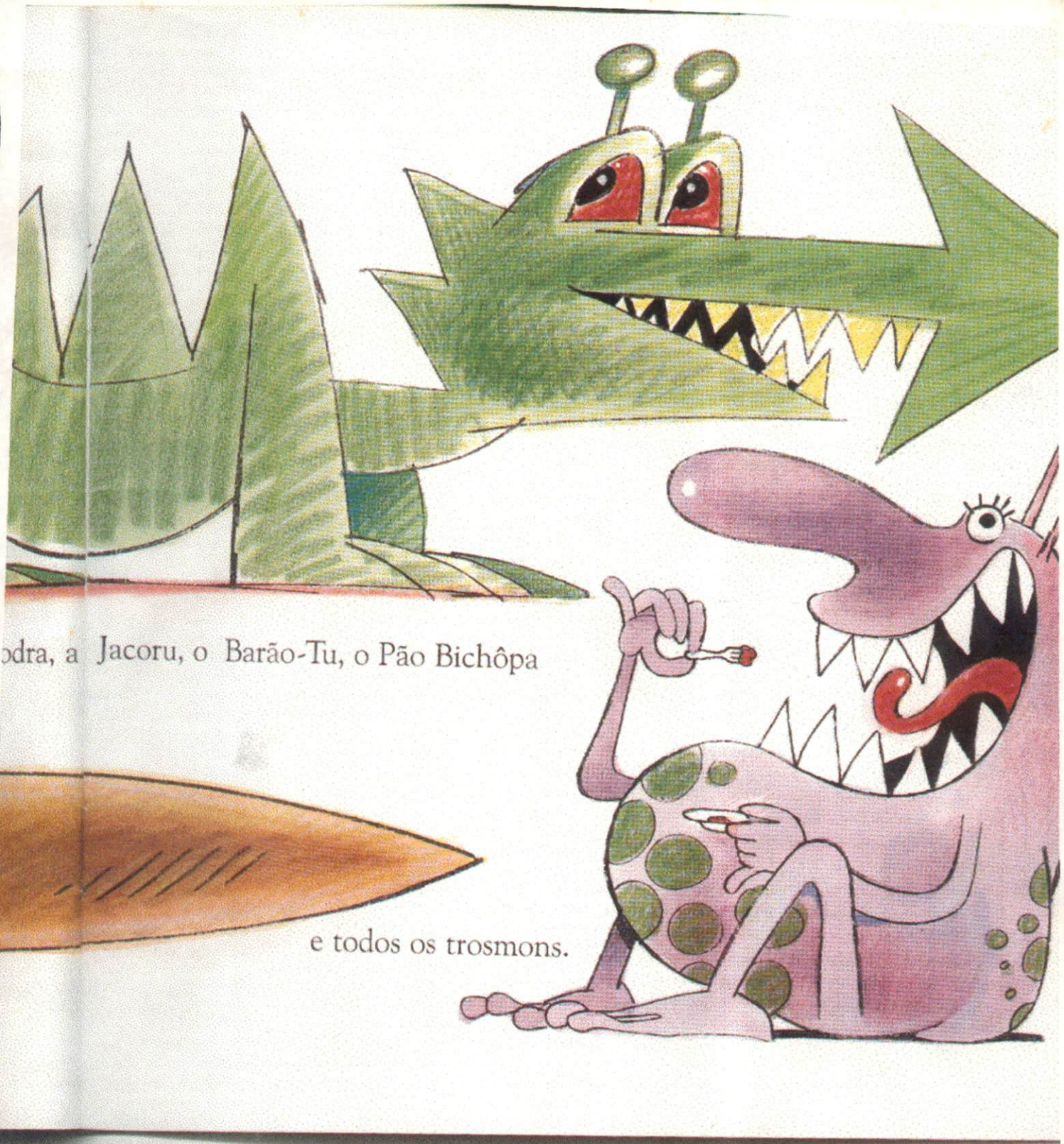
Mein dunkler Stab
steht bereit,
wenn mich
die Finsternis
im Schlafe
stets auf jeder Nacht:
Der treue Wind weht,
Peitsche knallt,
Pferd trabt,
Schlitten gleitet
und der Stab
ist wieder
da.



Ah, outros companheiros da Chapeuzinho Amarelo: o Gãodra



Ah, outros companheiros de Chapeuzinho Amarelo: o Gaiola



ɔdra, a Jacoru, o Barão-Tu, o Pão Bichôpa

e todos os trosmons.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA